

Onde é que nos trouxe o Capitalismo Verde?

Oradores:

- Manuel Garí Ramos (Fundação Viento Sur, Espanha)
- Samuel Martin-Sosa (Ecologistas en Acción, Espanha)
- Juanjo Alvarez

Moderador: Pedro Cardoso

Relator: Pedro Prata

Mais informação sobre o painel:

<https://climaximo.wordpress.com/2018/12/09/onde-e-que-nos-trouxe-o-capitalismo-verde/>

Falsas soluções, novas áreas de negócios e rentabilidades garantidas: o capitalismo pinta-se de “verde” para prosseguir a sua marcha de lucro e acumulação à custa da degradação do ambiente.

Samuel Martin-Sosa

A economia verde é o velho sistema a tentar reinventar-se, apresentando-se como solução para os problemas que gera. A economia verde continua extrativista e antropocêntrica. Embora funcione com uma gigantesca esfera financeira, está

sustentada nos recursos naturais. A economia verde que quantifica o capital natural em valores financeiros reconhece as perdas constantes desse capital em ordens astronómicas. Há que desmistificar a premissa de que o que é comum não tem capacidade de se defender e conservar pois não tem valor de mercado, conforme a economia verde a conceptualiza. A economia capitalista não identifica a realidade de exclusão que provoca nas comunidades mais vulneráveis e que estão em grande medida mais próximas e respeitadoras dos ecossistemas.

A falácia vai tão longe como afirmar que se pode dissociar o crescimento económico da finitude dos recursos. Mas a economia tem limites, na eficiência dos processos e na finitude dos recursos, bem como até nas leis da física termodinâmica. A tecnologia não pode nunca resolver a finitude dos recursos. Há limites tecnológicos no seu desenvolvimento e encontramos limites sem solução. Qual é o pensamento e discurso do capital perante isto? Resume-se à crença que algo se vai inventar para solucionar os problemas. A crença na solução tecnológica para garantir o sistema capitalista. As alterações climáticas têm problemas de fundo sociológico e de relações de poder, mas até agora prevalece a narrativa do milagre tecnológico. **Esta ideia que a solução tecnológica permitirá o crescimento sem afectar os recursos leva à paralisia da responsabilidade. Isto ignora a dimensão política da tecnologia, quem controla, desenvolve e aplica a tecnologia, eliminando o sujeito e mistificando essa solução.** O resultado disto foi chegar a uma crença que as limitações não existem quando as vivemos sem solução.

Manuel Garí Ramos

Substantivo capitalismo e adjetivo verde? Este aparece antes da irrupção dos populistas mundiais. Temos que estar atentos a esta ligação. Será que há uma intenção de manter a mistificação do capitalismo? Quanto mais sucesso tem o capitalismo, também mais a crise se agudiza. Por isso **a escolha do verde é uma solução de recurso, desesperada**. E no fim é seguir com o negócio como sempre. Mercantilizar a natureza e deixar aos mercados a regulação. Isto perpetua a acumulação do capitalismo avançado a luta entre blocos no controlo de mercados.

1º mito: o que o capitalismo procura é tentar convencer que é a única maneira racional de gerir a natureza.

2º mito: desmaterialização da economia, cobrindo o dano com um manto aceitável enquanto se intensifica o uso de materiais naturais e o extrativismo, deixando para trás a sustentabilidade.

3º mito: o crescimento é infinito pois essa é a solução do problema e não a sua causa original. Invertendo a lógica da resolução das contradições do sistema capitalista. Esquecendo um problema fundamental da economia mundial, a deslocalização da produção e de resíduos, encobrindo as assimetrias geográficas.

4º mito: que os preços nos recursos modificam as atitudes com os mesmos. Não se comprovou com a fiscalidade ecológica, que não modificou comportamentos.

5º mito: o da solução tecnológica, já nem vale a pena voltar a repetir.

Há um fracasso real nos objetivos de carbono e poupança de recursos, que pode ser descrito pelo direito à destruição e poluição do capitalismo, no seu avanço em direção à sua versão verde.

Juanjo Alvarez

Apresento uma observação mais subjetiva dos problemas do capitalismo verde. Perguntando porque não se apresentam soluções perante o elefante na sala?

Os novos populistas também se levantam contra as soluções do capitalismo verde. Porque o atacam? Pretendem por essa via seguir com o negócio sem limites. Como as soluções não são rentáveis e são inúteis ao capital, então não serão adotadas.

Sabendo à partida que há mais de 40 anos esta já era uma urgência, porque socialmente são necessários mecanismos lentos de organização e mobilização que permita apresentar uma solução e implementá-la, porque não há uma mobilização social alternativa de massas? Estamos direcionados ao colapso. Há limitações de comportamento e percepção holística dos problemas que impedem a resposta com a urgência necessária, sem recorrer às posições políticas colapsistas, reconhecendo a própria incapacidade de modificar os comportamentos e mudando as sociedades prevenindo os conflitos. Perante isto, o capitalismo verde veio mobilizar objetivos a médio prazo, reforçando a dificuldade e salvaguardando para si os meios materiais e mecanismos de apresentar e mercantilizar as soluções. **Balizando a questão entre mudança de sistema vs. solução tecnológica vs. catástrofe ambiental, é a última que**

parece a mais provável. O capitalismo verde esconde a catástrofe com a fantasia da solução tecnológica. Este é um macro projeto ideológico de captura da imaginação. Assim, há que organizar para o conflito com o fracasso do capitalismo tradicional e verde, que ainda contêm o poder.

O capitalismo verde irá enfrentar as questões de território e da paisagem, que são caras aos ambientalistas e que permitem uma vantagem pois o projeto social está arruinado nesses territórios. Se não for recuperado pela esquerda, será usado pela direita. O mesmo será com a identidade e a comunidade: se isto não for entendido como uma formação de classes, então será aproveitada pela direita como a recusa do outro. **Temos que pensar os conflitos como lutas estratégicas, em tempos de conflito há que ter soluções estratégicas que permitam que esses sujeitos coletivos tenham representação reformadora, ou seja, revolucionária, para que no conflito não seja a solução fascista que tenha a capacidade de mobilizar estas comunidades.** Esta é a luta desde agora.